

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO**.

Agente geral, **PAULA NEY**.

Publica se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

LUIZ GOMES	J. P.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
ADORAÇÃO UNIVERSAL	Cunha Mendes.
VINGANÇA	Arthur Azevedo.
LUTAS	Themistocles Machado.
ASHAVERUS	A. Foscolo.
RECONCILIAÇÃO	Alfredo de Magalhães.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
A GUARDA DE HONRA	J. de Moraes Silva.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

FERREIRA DE ARAUJO

LUIZ GOMES

Luiz Gomes é um d'esses espiritos que se impõem á admiração e á estima de quem tem a fortuna de privar os.

E' como um horizonte onde se associam e se completam, num quadro harmonico e deslumbrante, todas as côres. Tem viajado toda a vida, e visto desde os pontos das Valenciennes até as mais altas concepções industriaes.

E' tão distincto e correcto num salão como num severo gabinete de trabalho, em que se meditem os mais serios problemas da Patria.

Rimos com elle a nossa mocidade, como pensamos com elle a solução social do engrandecimento brasileiro. E conserva a mesma linha, quer sorrindo como um *gentleman*, quer desferindo largos vôos industriaes.

De todos os seus projectos, um acaba de corporificar-se, e pelos seus contornos e pela sua musculatura genial impoz-se desde logo ao apoio da imprensa e vae abrindo caminho na Camara dos Deputados.

E' a estrada de ferro ligando o Rio de Janeiro a Pernambuco.

Comprehende-se, pelo simples enunciado do projecto, a grande revolução economica e financeira que elle vem fazer, multiplicando as nossas forças commercaes.

Pelo projecto o Brasil fica a *sete dias* da Europa, estreitando assim cada vez mais os laços da nossa civilisação e dos nossos interesses com os grandes centros scientificos e os grandes mercados do mundo.

Todos sabem que a frequencia de communicações com os meios mais adiantados são o mais poderoso factor de progresso. Noël demonstra, com uma precisão geometrica, a influencia do commercio, sobre a civilisação universal. E' assim que o nosso seculo, pela facilidade das communicações, filhas do vapor e do commercio, realisou muito maior somma de civilisação do que os tres seculos que decorreram após o descobrimento dos novos continentes.

Vimos accentuar, crescer e florescer a civilisação do Cabo da Boa Esperança, da costa occidental da Africa, e sobre tudo tomar proporções collossaes a Australia e a Nova Bretanha, correndo relativamente parelhas com o vertiginoso progresso dos Estados-Unidos.

Nós mesmos que, pe'a nossa indole apathica, desperdiçamos o tempo com a mesma inconsciencia com que prodigalisamos dinheiro, temos, depois do desenvolvimento dos meios de communicação, realiado progresso notavel, attenta a extensão do nosso territorio, e a tradicional indifferença dos nossos governos por tudo quanto é melhoramento real e empresa de alta concepção.

Não preciso demonstrar a conveniencia e utilidade da estrada de ferro do Rio a Pernambuco ; ellas são evidentes !

Resta apenas, como difficuldade de monta, a obtenção dos capitaes para a realisação do empreendimento.

O illustre auctor do projecto conta com o apoio de capitaes estrangeiros, por que, não tendo opiniões politicas, nein partido, quer apenas segurança de collocação, que lhe garanta a reproducção d'elles pelos juros ou dividendos certos.

Centro de convergencia para a rede de caminhos de ferro, que deve, dentro em pouco, ligar toda a

America meridional entre si, problema este de que o Brasil devia tomar a iniciativa na exposição de Chicago, convocando um congresso para este fim, a estrada de ferro do Rio a Pernambuco está fadada não só a perpetuar o nome do, seu auctor, como também a rasgar novos horizontes ao desdobramento da fortuna publica

Nós que conhecemos de perto o espirito de Luiz Gomes, que sabemos de que tenacidade e decisão elle é dotado, esperamos que o Congresso e o governo o honrem com a sua confiança, para que o Brasil transforme em instrumento de progresso a concepção de um de seus mais illustres filhos.

J. P

CHRONICA FLUMINENSE

Permittam os leitores que eu ponha de parte o admirante Wandenkolk, e o *Jupiter*, e o *Republica*, e o Gumercindo Faz-Raiva, e a falta de communições telegraphicas, e toda essa choldra politica, para começar esta ligeira chronica dando a boa estada a Ferreira de Araujo, um nome querido e respeitado pelo publico em geral e em particular por todos nós que laboramos a ingrata seara da imprensa fluminense.

O illustre redactor-chefe da *Gazeta de Noticias* acaba de fazer uma longa estação na Europa; vem retemperado para a luta; traz no espirito uma panoplia das mais bellas armas de combate, novas e reluzentes. Aperto cordialmente a mão ao grande jornalista, credor insolúvel da minha sympathia e do meu reconhecimento.

*

O facto mais importante da semana foi a estreia, ou antes, a semi estreia da companhia lyrica do Sr. Ducci, com acto e meio do *Tannhäuser*, e uma quéda do Sr. GabrieleSCO Representando, este não a daria tão artisticamente. Alguns espectadores, que não conheciam a opera de Wagner, suppuzeram muito naturalmente que o trambolhão era da peça.

Depois do *Tannhäuser* cantou-se a *Gioconda*, que passou sem protesto, mas no espectáculo seguinte, cantando-se a *Aida*, o camarote do Torres praticou a injustiça de fazer troça ao tenor Metelio, um artista cujo unico defeito é cantar e não berrar.

Veremos que sorpresas nos reserva o famoso camarote durante a actual temporada...

O que me admira é ser o Sr. Ducci um gato es-caldado e não ter absolutamente medo de agua fria.

*

O outro dia parei um momento — só um momento — na *Glacé E'legante*, para ver o Tiradentes esquarterado por Pedro Americo.

Serei franco: essa pintura, em vez de me inspirar sentimentos de piedade e patriotismo, causou-me a mesma sensação desagradavel que me causaria, creio, um amphitheatro anatomico; fez-me salivar, e não sei se me tirou o appetite.

Não nego que aquillo esteja bem pintado, e que o pintor copiasse com muita fidelidade excellentes modelos de « natureza morta » (O termo nunca me pareceu tão bem applicado); mas o assumpto nada tem de esthetico nem de grandioso. Como considero Pedro Americo o mais talentoso dos nossos pintores — e essa é a opinião corrente —, preferia que elle não tivesse pintado aquelle açougue de carne humana.

Se qualquer dia se lembram de despojar n'uma tela o sacco de Maria de Macedo... que horror!...

A.

ADORAÇÃO UNIVERSAL

A ALVARO DA CUNHA MENDES

Este meu coração lacerado e partido
De desgostos fataes, de magoas sobranceiras,
Nem uma vez sequer sentio as verdadeiras
Tempestades do amor profundo e indefinido...

Nunca a imagem radial d'um corpo estremecido
Fel o amar, enlevado, as illusões fagueiras!
Horas de goso ethereo encanto, passageiras
Juras de amor venal o trazem carcomido...

Quando, porém, pulsar e, entre lavas ardentes,
Soffrer, bramir, amar, os meus versos frementes
Hão de espalhar na terra a adoração d'um Astro!

Ella será meu sol, a vida do meu verso!
E eu, de joelhos, cantando-a e adorando a, de rastro,
Em seu vulto radial terei todo o universo!

CUNHA MENDES.

S. Paulo.

VINGANÇA

A LUCIO ESTEVES

Quando madame d'Arbois chegou ao Rio de Janeiro, escripturada numa *troupe parisienne* que fez as delicias dos frequentadores do Cassino Franco-Brésilien, muitos rapazes se apaixonaram por ella. Dizia-se que madame d'Arbois resistia heroicamente a todas as seduccões, guardando absoluta fidelidade ao marido, um *cabotin* qualquer, que ficára em França, esperando philosophicamente que ella voltasse da America, endinheirada e feliz.

O joven commendador Cardoso, que não acreditava em Penelopes de bastidores, e era, em questões eroticas, de uma diplomacia insigne, com tanta habilidade soube levar agua ao seu moinho, que, ao cabo de dous mezes, vivia maritalmente com madame d'Arbois.

Por esse tempo dissolveu-se a *troupe*; e o joven commendador Cardoso aproveitou o ensejo para pedir á amiga que abandonasse o theatro. Nada lhe faltaria em casa d'elle, que era negociante e rico. Ella aceitou depois de muito hesitar, impondo, como condição, que elle estabeleceria ao marido, em Pariz, uma pequena mezada de quinhentos francos.

Durante um anno as delicias d'essa mancebia não foram perturbadas pela mais leve contrariedade. O joven commendador Cardoso e madame d'Arbois pareciam tallados um para o outro. Elle era um homem sympathico, de trinta annos, pouco instruido, é verdade, mas senhor d'esse traquejo social que até certo ponto dispensa a educação litteraria. Ella era uma mulher bonita, alegre, quasi espirituosa, e uma senhora dona de casa, economica e aceiada como todas as francezas. Que mais poderiam ambos desejar?...

*

Tudo cança. Ao cabo de um anno, madame d'Arbois começou a sentir a nostalgia dos bastidores. Demais a mais, aconteceu que o empresario da melhor companhia brasileira de operetas, magicas e revistas offereceu-lhe um vantajoso contracto, propondo-lhe, nada mais nem menos, que substituisse a *estrella* de maior grandeza que então brilhava no firmamento do theatro fluminense, *estrella* que se retirava temporariamente para a Europa.

O joven commendador Cardoso poz os pés á parede. Que não, que não, que não! A Lolotte—madame d'Arbois chamava-se Charlotte—não precisava trabalhar para viver! Que não o aborrecessem!...

— Mais non, mais non! Il ne s'agit point d'argent, mon pauvre chéri, obtemperava Lolotte; je sens que je ferais une grosse maladie si je ne retourne pas au théâtre! Eh bien... voyons... sois gentil... Il faut que tu consentes...

Um negociante, compadre do empresario, foi ter com o joven commendador Cardoso, de quem era amigo intimo, e interveio com muito empenho:

— Que diabo! consente, Cardoso, consente! Se lhe não fazes a vontade, ella contraria-se, e não ha nada peor que uma mulher contrariada. Depois, vê lá: não é nada, não é nada, mas sempre são seiscentos bagarotes que a pequena mette no Banco todos os mezes! Não vás tu privar a d'esse peculio!

Este ultimo argumento foi irresistivel. Mez e meio depois, madame d'Arbois estreiava-se no papel da protagonista de uma opereta.

Foi completo o seu triumpho. Ella fallava um portuguez fantastico, e na cantoria desafinava que

era um horror, mas o publico, o magnanimo publico fluminense fechou os olhos a esses defeitos, e applaudio a freneticamente. Madame d'Arbois teve que repetir tres vezes certas coplas cuja lettra ninguem percebia, mas eram cantadas com um movimento de quadris capaz de entontecer um santo.

*

Razão tinha o joven commendador Cardoso em não querer que a amiga voltasse para o theatro. Dentro de pouco tempo notou nas suas maneiras uma differença enorme. A *diva* contrariava-se visivelmente quando elle, cansado de esperal-a no saguão do theatro, penetrava até o seu camarim.

Uma vez encontrou lá dentro, familiarmente sentado, o Lopes, o primeiro actor comico da companhia, que logo se retirou, dizendo:

— Adeusinho, commendador; vim cá restituir á collega o *rouge* que lhe pedira emprestado.

Elle não podia deseonfiar do Lopes. Era este um artista de talento, e o publico estimava-o devéras, mas a Lolotte nunca poderia gostar de um homem tão feio, tão desdentado e tão pouco cuidadoso da sua roupa.

Entretanto, uma carta anonyma, escripta com lettra de mulher, disse-lhe tudo. A primeira actriz cantora e o primeiro actor comico encontravam-se, quasi todos os dias, depois do ensaio, em casa de uma corista, perto do theatro.

Um dia, o joven commendador Cardoso, depois de se haver posto em observação n'uma casa que ficava em frente á da hospitaleira corista, sahio, atravessou a rua e entrou na sala das entrevistas. Lolotte estava sentada, de pernas cruzadas, a fumar um cigarro turco; o Lopes de pé, em serou-las.

O primeiro actor comico, ao ver o joven commendador Cardoso, não perdeu o sangue frio, e começou a fingir que estava a ensaiar:

— E' como vos digo, princeza Briolanja; o rei, vosso pae, não acredita nas palavras da Fada das Saphiras, e quer absolutamente encontrar nos seus reinós um mancebo, fidalgo ou vilão, que vença o Dragão Vermelho, e vos despose!...

Mas o joven commendador Cardoso não engolio a pilula, e disse, dirigindo-se á princeza Briolanja, que continuava a fumar o seu cigarro turco:

— Bem; estou satisfeito; vi o que queria ver. Fique-se com o senhor Lopes, que realmente é digno da senhora!

E sahio arrebatadamente.

— E agora? perguntou o comico.

— Oh! elle voltará! affirmou ella carregando os érrres, entre uma baforada de fumo.

E foram deitar-se.

*

O joven commendador Cardoso não voltou, e madame d'Arbois ficou bastante contrariada, por que o actor Lopes tinha numerosa familia—mulher

e filhos—e não lhe dava um vintem. Demais, ella bem depressa fartou-se d'esses amores reles. Que doidice a sua : trocar por aquelle typo um rapaz rico, intelligente, sympathico e generoso !

Accresce que a opereta, recebida com grande enthusiasmo durante as primeiras trinta representações, já não attrahia o publico ; o theatro ficava agora todas as noites vazio, e o empresario já devia um mez de ordenados á companhia.

*

A primeira representação da peça que estava em ensaios, a tal em que entravam a Fada das Saphiras e o Dragão Vermelho, devia ser dada em beneficio do Lopes, e esse espectáculo era anciosamente esperado. O beneficiado via-se zozzo para attender aos numerosos pedidos de bilhetes. Nos jornaes appareciam todos os dias grandes *reclames* á « festa artistica », annunciada tambem pelas esquinas em vistosos cartazes, onde este nome — LOPES — se destacava em enormes caracteres vermelhos.

Chegou a noite do espectáculo, A's sete horas e meia as torrinhas, os corredores e jardim do theatro já se achavam apinhados. Uma hora depois, a sala estava a trasbordar, e toda aquella gente abanava-se com leques, ventarolas, lenços e programmas, bufando de calor. Os espectadores das torrinhas batiam com os pés e as bengalas, e dirigiam chufas aos da plateia e dos camarotes, talvez com a ideia de se vingarem de os ver em logares menos incomodos. Os criticos theatraes estavam a postos. Os musicos afinavam os instrumentos ; um garoto aprezoava o retrato e a biographia do glorioso Lopes ; as conversações cruzavam-se ; e todos esses ruidos juntos produziam um barulho ensurdecador e terrivel.

De repente ouviu-se o som agudo de uma sineta, ao mesmo tempo que uma campainha electrica tintilava longamente, e a sala, até então quasi escura, apparecia n'uma intensidade de luz, arrancando um prolongado *O... o... oh !...* das torrinhas. Eram nove horas.

Restabelecido o silencio, o regente da orchestra subio vagarosamente para o seu logar, abriu a partitura, fallou em voz baixa a alguns musicos, bateu tres pancadas na estante, levantou a batuta, e fez executar a *ouverture*.

Terminada esta, naturalmente esperavam todos que subisse o panno, mas não subio.

Passaram se alguns minutos.

Começou o publico a impacientar-se, batendo com os pés. A pateada cresceu. Uma ordenança foi destacada do camarote da policia para o palco. O beneficiado, vestido de escudeiro de magica, surdio no proscenio e foi reebido com uma salva de palmas. Mas de todos os lados fizeram *Pscio ! pscio !* — e o barulho cessou.

— Respeitavel publico, disse o primeiro actor comico, — o espectáculo não póde ter começo, por que a actriz madame d'Arbois, incumbida de um

dos principaes papeis, até agora não appareceu no theatro. Rogo-vos humildemente que esperéis alguns minutos mais, e me perdoeis esta falta, inteiramente alheia á minha vontade.

Esse cavaco foi acolhido com outra salva de palmas. O Lopes retirou-se, cumprimentando e agradecendo para a esquerda, para a direita, paracima, para baixo, e (s commentarios, os risos, as imprecações e os gracejos começaram n'uma vozeria atroadora.

De vez em quando sahiam da caixa do theatro, ou para lá entravam, correndo pelo corredor, pessoas azafamadas, espavoridas, — empregados da contraregra, costureiras, etc — mandadas á procura de madame d'Arbois.

Passava das nove e meia quando o Lopes, coagido pela policia, veio de novo ao proscenio declarar que, não se achando madame d'Arbois no theatro nem na casa de sua residencia, ficava o espectáculo transferido para quando se annunciasse.

D'esta vez não houve palmas que saudassem o primeiro actor comico.

A sahida dos espectadores fez-se no meio de uma confusão indescritivel. Muitos exigiram que lhes fosse restituído o dinheiro, e promoveram desordem na bilheteria. Foi necessaria a intervenção da policia. Só ás onze horas poude ser restabelecida a ordem e fechado o theatro.

*

Onde estava madame d'Arbois ?

No dia do espectáculo ella acabára de jantar, e, reclinada na sua preguiceria, relia mais uma vez o interessante papel de princeza Briolonja, que devia representar essa noite, quando lhe trouxeram uma carta do joven commendador Cardoso.

— Ah ! ah ! pensou a franceza com um sorriso de triumpho, voltou ou não voltou ?

E abriu a carta :

« Lolotte — Escreveste-me, pedindo que te perdoasse. Perdoo-te, mas com uma condição : deixarás de representar hoje no beneficio do homem que foi o causador da nossa separação, ou por outra, nunca mais representarás. Só assim serei para ti o mesmo que já fui. Se aceitas, mette-te no *coupé* que ahi te irá buscar ás sete horas da noite, e vae ter commigo no Hotel Laroche, no alto da Tijuca, onde estou passando uns dias, e onde ficarás em minha companhia. Se não, não.—Cardoso.»

A princeza Briolonja leu e releu esse bilhete. Era o perdão, era o descanso, era a fortuna, que lhe traziam aquellas letras. Deixando de comparecer ao theatro, ella praticava uma acção feia, provocava um escandalo inaudito, mas isso que lhe importava, se sahia do theatro e ia outra vez estar de casa e pucarinha com aquelle homem distincto a quem tantos favores e tanto affecto devia ?

Pouco depois da hora aprasada, Lolotte entrou no discreto *coupé* que a esperava á porta de casa, e chegou ao Hotel Laróche precisamente na occasião



LUIZ GOMES

em que o Lopes, desesperado, appellava para a paciência do publico.

*

Ao entrar no hotel, madame d'Arbois perguntou a um criado :

— O commendador Cardoso ?

— Não está, mas deixou um bilhete para madame d'Arbois. E' a senhora ?

— Sim, sou eu.

E a desgraçada leu o seguinte :

« Cahiste como um patinho, minha toleirona. Estou vingado de ti e do teu Lopes. Volta-te para elle; é tão pulha, que talvez te aceite ainda.—Cardoso.»

ARTHUR AZEVEDO.

LUTAS

Oh ! mar profundo, oh ! mar mysterioso,
Que no teu seio indomito conservas
Força, o eterno motor prodigioso
Que gera as tuas coleras protervas,

Todos os homens curvam-se admirados,
Ouvindo os teus rugidos sobrehumanos,
E os teus roncões lamentos inflammados
Enchem de horror o peito dos tyrannos !

Ao som das tuas musicas secretas
Choram as tristes almas foragidas,
Une-se a tua voz á voz dos poetas
N'uma mesma plangencia confundidas !

Quando te açoita o dorso alvo de brumas
O vento bom de placidas bonanças,
O teu sorriso, feito das espumas,
Tem a meiga doçura das crianças !

E se em teu seio impavido estremece
O clangor pavoroso das tormentas,
Essa batalha lugubre parece
A grande luta das paixões sangrentas.

Por isso eu te amo, oh ! tenebroso Oceano,
Formidavel colosso aterrador ;
Ha no teu coração profundo e insano
A mesma luta intermina do Amor !

Viver eternamente aguilhoado
A soluçar colerico e medonho !
Prometheu do infinito acorrentado,
A quem procuras nesse eterno sonho ?

Os teus longos gemidos dolorosos
Nasceram d'essa amarga nostalgia
D'Alma que sente os cardos venenosos
Do Amor — o louro filho da Utopia !

Esse profundo arcano que não sondas,
Essa força que move as tuas entranhas
Esse prodigio com que as tuas ondas
Fazem-se abysmos, formam-se montanhas,

E' o mesmo Sol que move o mundo inteiro,
— O Amor — o rei dispotico e tyrano !
Eu não te admiro, oh ! velho prisioneiro,
Eu te lamento, oh ! tenebroso Oceano !

THEMISTOCLES MACHADO.

ASHAVERUS

Vaga... vaga sempre no eterno itinerario que lhe marcou a lenda.

O riacho que passa sussurante atravez do nemoroso bosque, recusa-lhe a lymphá crystallina ; a floresta nega-lhe a sombra ; o deserto dá-lhe como refrigerio a areia ardente ; o sol dardeja-lhe nos cançados hombros a espada de fogo dos seus raios, e o misero prosegue avante á voz que lhe brada eterna... eternamente : — Caminha !

Forasteiro, batendo de tenda em tenda, de cidade em cidade, em busca de um affecto, em busca de um sorriso. Ashaverus recebe por toda a parte o anathema, á voz da multidão, que o persegue, chamando-o — maldito !

Para as dores de suas chagas perennes procura um balsamo refrigerante, e quando uns olhos meigos o fitam, quando um sorriso de esperanza se abre nuns labios de mulher, quando para o reprobo viceja um affecto em algum peito piedoso, que se atreve a acolhel-o, quando se quer banhar nas aguas lustraes do amor, a voz que o persegue sempre lhe brada — Caminha ! — e o misero parte, sentindo cavar-se no seu rosto mais uma ruga em cada esperanza fanada, em cada affecto perdido.

E o povo, que não comprehende o inferno que lhe vae na alma, murmura : — E' feliz o maldito ; não morre ! »

Entretanto elle sente-se morrer a cada passo que perde uma illusão sonhada.

*

Como o Ashaverus da lenda, percorro perennemente os poisios do amor, deixando hoje o que ambicionei hontem, caminhando sempre... sempre, na estrada do gozo, quebrando os affectos passados e adquirindo novos... e cada paixão que deixo atraz, é mais um abysmo e mais uma ruga que se cava em meu coração, sempre vivo, sempre ardente, mas morrendo a cada flor de esperanza que se desfolha.

A. FOSCOLO.

RECONCILIAÇÃO

Nem sempre é impenetravel o futuro,
Nem sempre uma chimera um sonho vão.
Que passe a luz póde impedir um muro,
Porem nunca uma illusão.

Levado por não sei que fantasia
Por tua casa á tardinha hontem passei,
Sentindo, se me partia,
A alma, da sorte, á inexoravel lei.

Desde a scena final do rompimento
Que jamais pude olvidar,
Sempre me dominava o pensamento,
De não te ver o intermino pesar.

E por mais que o proposito fizesse
De te esquecer — que o faça quem puder —
Sempre aos labios me vinha como prece
Teu nome : é tudo a mulher.

Qual naufrago á mercê do mar sanhudo
Ainda a morrer na salvação tem fé,
— Era o acaso o meu escudo—
Tal eu da tua porta quando ao pé.

E como d'entre as nuvens da procella,
Tranquillamente a fulgir,
Uma estrella se vê que a paz revela,
A nevoa se rasgou de meu porvir.

Era um presentimento, embora vago,
Que me tomava então, na ancia do bem...
É a teu olhar de tudo me dou pago,
Tanta meiguice elle tem.

ALFREDO DE MAGALHÃES.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

X

(Continuação)

— E' desconhecido o nome do autor; parece-me — lembrou um dos da roda — que a melhor manifestação que se poderia fazer era exigir a presença d'elle.

— Muito bem, mas se lhe desconhecemos o nome?

— Nada mais facil. Carrero nol-o dirá agora mesmo.

— Não o direi. Entretanto, se o publico applaudir com enthusiasmo; se, em verdade, valer a pena que o autor conheça o publico que o applaude, como eu desejo, terá este de conhecer aquelle; então o que poderemos é usar do systema do Theatro Francez. Quando a plateia pede o nome do autor, vem um dos artistas á boca da scena e pronuncia-o em alta voz.

— Bem lembrado ! estamos aqui... quantos?...

O moço ergueu um pouco a fronte e principiou a contar o numero dos rapazes presentes, marcando o compasso da contagem com um movimento de cabeça e batendo o ar com o indicador, todas as vezes que se voltava para cada qual dos assistentes.

— Mão numero ! Somos tantos quantos os personagens da ceia do Senhor.

— Mas... sem judas ! ...

— Todos a pedir o nome do autor... e eu lhes declaro que ensurdecemos desde a plateia até o *para-so*.

Carrero, então, consultando ás pressas o relógio, fez um gesto de quem se queria retirar.

Assim foi ; repetio as condições do plano. Dispoz que fosse, logo depois do ultimo acto, a grande chamada, independente dos applausos dispensados aos artistas durante o curso da representação.

E d'este modo, cahio o grupo na monotonia d'esse trabalho, a que se entregam os desoccupados a certas horas do dia, qual o de preparar o appetite á força de ingerir *vermouth* e *bitter*.

Carrero, bateu com os tacões dos botins o passeio da rua 25 de Maio, com força e peso, como homem que pisa firme e se move sem empecilhos nem perturbações na consciencia.

— Afinal — murmurou entre dentes — todos estes rapazes são de boa indole, embora mais amigos da alfaiataria que do trabalho. O que esperavam era ouvir pronunciar o nome de Lucio. Se lhes não disse, é que tenho bastante experiencia para saber que, d'esta hora até a meia noite, ha muito tempo para transformar sympathias em invejas. Ignorando que Lucio é o autor da comedia, desejarão conhecer o litterato que deu ao *Solis* uma obra de verdadeiro merito ; em caso contrario, haveria mais de um a dizer : Para que havemos de contribuir para o levantamento de um nome ? Um nome, que se ergue do nivel das mediocridades, é tyrannia para os invejosos, e luz para os homens de boa tempera, que encaram o talento, não como inimigo, senão como um auxiliar de valor.

— Em todo o caso — concluiu Carrero — tenho-os na mão ; a um simples signal, abrem a boca e exigem o nome do autor da comedia.

E' necessario trazer a campo os nossos compatriotas de valor. Os que se deixam asphixiar com a politica, são profugos, que abandonam as artes em troca d'essa miragem de ambição e poder ; é bom que para o theatro não nos roubem os politicos um talento que póde ser o constituidor da nossa litteratura dramatica.

E, fazendo ponto á phrase que o pensamento como que lhe ia desenhando no cerebro, entrou no hotel de Pariz. Era ahi que residia o empresario da companhia hespanhola.

Ia dar conta do seu plano e explicar as vantajens d'esse procedimento.

XI

Lucio, durante mais de um mez, evitou a presença de Carmen, com o intento de destruir a má impressão que ella guardára da entrevista que o moço tivera com Dolores.

Entendeu que seria um bom plano e enganou-se.

Durante esse tempo, principiou a frequentar a casa do coronel Blanco um dos rapazes de Montevideo, apontado como um verdadeiro *leão*. Chamava-se Guilherme Tosti; era filho de uma familia italiana, de ha muito residente na capital da Republica. Os paes deram-se, em tempo, ao commercio de consignações e enriqueceram em poucos annos. Boa gente, honesta e trabalhadora, entrou para a roda melhor da sociedade montevideana. Quando Guilherme appareceu nos salões da capital, vinha precedido de duas classes de fama.

Uns o apontavam como rapaz elegante, a bem dizer, lindo, esbelto, vivo, electrico até, tal era a actividade que denunciava em todas as *tertulias* em que se apresentava. Ao demais d'estas qualidades physicas, diziam-n'o muito rico, economico e emprehendedor.

Pelo menos, era herdeiro de paes abastados, que, de ha muito, se haviam retirado do commercio, pondo o seu dinheiro em Banco inglez e vivendo de rendas do capital e dos productos de uma grande *estancia*, collocada num dos departamentos da Republica.

Outros não o encaravam atravez do prisma da fortuna. Reconheciam nelle um homem da *fashion*, correcto em toda a extensão da palavra, porém com uma grande falha, a da intelligencia.

Com effeito, Guilherme Tosti, desde criança, vira cortadas as suas infantis inspirações. Com esse natural impulso de inexperiente, deu-lhe para querer ser padre.

Insistio. Riram-se d'elle.

Quem é que quererá ser padre n'esta epoca de escarneo?—Comprehendeu que havia alguma coisa de ridiculo nos seus desejos. Abandonou-os; voltou-se para um medico de quem se fallava muito, e com insistencia propoz á familia ser doutor em medicina. E então de quanta faca, de quanta colher ou garfo lhe calha entre mãos, fazia bisturi e operava no *King-Charles* da casa. Os paes não lhe contrariaram a pretensão; pelo contrario, d'ella se aproveitaram para o levarem para o collegio, por cuja retorta de estudos devia passar antes de entrar para qualquer academia.

E assim cresceu. Quando chegou aos dezesseis annos, houve na familia uma divergencia. O pae propoz para o pequeno Guilherme a vida commercial, como a carreira, hoje em dia, unica para se levantarem lucros e beneficios em pouco tempo.

A esposa, ao ouvir pronunciar semelhante sentença — e sentenças eram sempre as condições do marido — não desmaiou por força de animo, mas, sem poder calar o que lhe ia revoltosamente na alma, observou, a principio, que para o seu Gui-

herme a vida commercial era forte demais, além de muito pesada e trabalhosa.

O rei domestico insistio; ella retorquiu; elle, já frenetico, volveu um olhar duro e selvagem e gargarejou um tremendo *hum-hum*, expressão particular dos individuos dados a faceis accessos colericos.

Foi nesse momento que se desencadeou a tormenta. A mãe de Guilherme ergueu-se nervosa e suffocada pela eloquencia da raiva, empurrou, para maior effeito dramatico e, talvez, para atemorizar o marido, a cadeira em que estava sentada, e declarou que seu filho não podia ser commerciante. Era muito delicado de constituição para o trabalho.

— E... queres saber? ... interrogou ella, acercando-se corajosamente do esposo e guinando o corpo com um gesto de audacia— queres saber?... quando não prevalecessem estas minhas razões, basta uma, a ultima que te apresentarei: meu filho... é lindo de mais para caixeiro! Antes o quero vadio!

O tyranno domestico voltou-se para a porta do aposento, poz-se em marcha e desapareceu, sem responder. O que se vio, de annos a esta parte, do tempo em que entrou Guilherme em relações com a familia Blanco, foi que o moço se occupava, não em dizer missas nem clinicar, mas em transações commerciaes; o que, como prova real, é a expressão franca de que prevalecêra a imposição paterna.

No *saráo* a que assistio á primeira vez Lucio, em casa de Dolores, Guilherme se havia apresentado por intermedio de um amigo da familia. O que succedeu foi que nem Lucio, nem Carmen, nem a maioria das pessoas que lá se achavam, deram pela presença do *dandy*. Explica-se.

E' que Tosti tinha a prudencia dos felinos. Era, como o appellavam, um *leão*; mas não se aventurava em qualquer tentativa arriscada.

Deu pela insistencia com que se olhavam Carmen e Lucio.

— São noivos! murmurou; e, sem reflectir no caso, entregou-se ao trabalho de polkar e mentir a meia duzia de *señoritas*, futeis nas maneiras e no pensar.

— E' um rapaz bonito — diziam umas para as outras, dando-se á observação.

— Mas é frio como um inglez... gelado.

Precisamente no dia em que Lucio se retirou da casa do coronel Blanco, com o firme proposito de não voltar tão cedo, Guilherme Tosti entendeu que devia — como costume que é do paiz — ir pagar o convite, que teve, para assistir á festa caseira, com uma visita de agradecimento.

Assim foi. A familia Blanco recebeu-o com agasalho franco e amistososo, como se por ventura fossem conhecidos de ha muito.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

A GUARDA DE HONRA

Quando o sol vem nascendo no horizonte,
Mostrando apenas no incendido monte
O disco alegre e louro ;
E a luz radiante a immensidade corta,
Firmes, de pé, guardando a sua porta,
Ha dous Gigantes de ouro.

Durante os dias üngem-se de odores,
Espalhando ao redor festivas flores,
Que á terra vão cahindo,
E descantam suavissimas bucolicas ;
Ou estrugem canções marciaes, eolicas,
As lanças reluzindo.

Se nubla todo o espaço a noite escura,
E o silencio não quebram da planura
Os trinados *allegros*,
Na solidão azul, erguendo a fronte,
Do ninho da innocencia bem defronte,
Ha dous gigantes negros.

Se a chuva desce, e fecham-se as janellas
D'essa mansão de amor, as sentinellas
Que a guardam, e que a adoram,
Baixam as frentes, languidos e lassos ;
Esmerecidos pendem-lhes os braços,
E os dous gigantes choram.

Mas desde que, no céu desabroçando,
A lua vae ao ar galvanizando
A' ermida, ao campo, á mata,
Como a azylo de fada a cada flanco
Velam, em guarda d'esse templo branco,
Dous Gigantes de prata.

J. DE MORAES SILVA.

THEATROS

LYRICO.— Tendo sido, como foi, interrompido o espectáculo de estreia, representando-se apenas acto e meio do bello *Tannhäuser*, de Wagner, diremos apenas que nessa noite infeliz trouxemos do theatro uma deliciosa e profunda impressão, causada pela proficiencia e brilhantismo com que a orchestra executou a immortal symphonia da opera alleman. Foi merecedissima a ovação feita a Mancinelli. Alguns dos meus collegas de imprensa lamentam que elle d'esta vez não tenha ao seu lado o *violino di spala* do anno passado, o Sr. Tatti, mas, que diabo ! mesmo sem este saudoso auxiliar, a orchestra Mancinelli é uma orchestra que se póde ouvir em qualquer parte do mundo.

— A representação da *Gioconda* satisfez geralmente. As honras da noite couberam á Gabbi e a Camera, que já no anno passado admiráramos nos papeis de *Gioconda* e de *Barnaba*. Gabrieleasco foi substituido no personagem de Enzo pelo Sr. Colli, um estreiante que não tem grande voz mas sabe cantar. As cantoras Fabbri e Zawner e o baixo De Grazzia, todos estreiantes, muito aceitaveis nos papeis de Laura, da Cega e do Duque. Orchestra, côros e *mise-en-scène* irreprehensíveis.

— Infelizmente a representação da *Aida* não correu tão bem. O publico — pelo menos o publico das torrinhãs — não recebeu muito bem tres artistas. Nós fazemos algumas reservas sobre o tenor Metelio, que nos pareceu um bom artista e esperamos ouvir noutra opera. A marcha do 2º acto, executada com o andamento que lhe deu Mancinelli, perdeu o melhor de sua imponencia.

— Cantou-se hontem o *Rigoletto*.

*

S. PEDRO.— Deu-nos a companhia dramatica do theatro D. Maria II, de Lisboa, o *Segredo de confissão*, original de Lorjô Tavares, a melhor, talvez, das peças portuguezas ultimamente representadas naquelle theatro Optimo desempenho.

Em beneficio de Brazão representou-se *D. Leonor Telles*, drama historico, em verso, de Marcelino de Mesquita, que soube amainar e aproveitar soberbas situações. Brazão é maguifico no papel do rei Fernando.

*

APOLLO.— A companhia dramatica portugueza que trabalhava neste theatro deu o seu derradeiro espectáculo com a *Dama das Camélias*, e partio para S. Paulo, onde grandes triumphos lhe estão reservados.

A ultima novidade que nos offereceu foi a *Morgadinha de Valle de Pereiro*, parodia á *Morgadinha de Val-Flor*, escripta pelo distincto actor Julio Vieira, que teve a amabilidade de convidar a redacção do *Album* para assistir á representação da sua peça. Infelizmente não nos foi possível acqiecer ao delicado convite.

*

POLYTHEAMA.— Depois da *Mascotte*, cuja representação desagradou, deu-nos a companhia Tomba *Papá Martin*, de Cagnoni, e a *Somnambula*, de Bellini, sendo ambas as operas muito bem interpretadas pelos principaes artistas.

*

PHENIX.— Estreiou-se hontem, com o *Fantasma branco*, de Macedo, uma companhia de que é empresario o popular actor Machado, e da qual fazem parte alguns artistas conhecidos.

*

No Variedades festejou-se o centenario do *Diabo Coxo* ; no Sant'Anna proseguem as representações da *Conquista dos Talismans*.

*

Inesperada e agradabilissima surpresa : Sarah Bernhardt voltou de S. Paulo e reaparece hoje no Apollo, representando a *Phedra*.

Viva Sarah Bernhardt !...

X. Y. Z.